

PRÁTICAS DE LEITURA DE MULHERES: IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE LEITURA NA ESCOLA

ANA MARIA ESTEVES BORTOLANZA (UNESP/MARÍLIA).

Resumo

Projeto de pesquisa de doutorado orientado pelo professor Dr. Dagoberto Buim Arena da Pós-Graduação em Educação, Unesp/Marília, desenvolvido com mulheres de um centro de referência para portadores da síndrome de down, em Londrina – PR, no primeiro semestre de 2008. Para a escolha dos sujeitos-participantes da pesquisa, busquei mulheres que atuassem voluntária e profissionalmente como um grupo organizado que realiza atividades diversas, inclusive de leitura. A pesquisa qualitativa empregou os seguintes instrumentos: entrevistas individuais com três mães, três professoras e três meninas down; entrevista coletiva com um grupo de mães; observações formais e informais de atendimentos fonoaudiológico, fisioterapêutico e pedagógico. A análise de dados deve contemplar a linguagem como objeto de análise neste estudo de caráter etnográfico, linguagem que se materializa nos discursos que fazem as mulheres sobre suas práticas de leitura, nas imagens e nos relatos utilizados como fontes bibliográficas. Os dados coletados sobre maneiras de ler, suportes e gêneros textuais, objetivos, espaços (família, escola e igreja), usos e acessos das leitoras à leitura estão sendo comparados às imagens de leitoras na pintura, relatos autobiográficos e alguns dados quantitativos sobre leitura de mulheres. O estudo deve apontar possíveis implicações pedagógicas para a leitura em ambientes escolares, considerando o papel fundamental das mulheres como mediadoras na formação de novos leitores. As primeiras análises evidenciam práticas culturais de leitura que revelam permanências e mudanças, semelhanças e diferenças, rupturas e continuidades de maneiras de ler das leitoras deste estudo em relação às leitoras do passado. As principais referências teóricas são: Certeau (2008), Chartier (1996, 1999, 2004); Perrot (2005, 2007); Bakhtin (1992), Vygotsky (1997); Foucambert (1994, 1998); Lacerda (200, 2003); Bosi (1977).

Palavras-chave:

práticas de leitura, mulheres, formação docente.

1. Introdução

Tendo como objeto a leitura, esta pesquisa de doutorado em Educação (Unesp/Marília) analisa práticas femininas de leitura e pretende apontar possíveis implicações pedagógicas para o ensino de leitura na escola. É um estudo de caso de caráter etnográfico desenvolvido com mães, professoras, terapeutas e meninas na Associação de Pais e Amigos dos Portadores da Síndrome de Down, em Londrina, PR, no período de novembro de 2007 a setembro de 2008. A APS DOWN é uma entidade filantrópica fundada em 1993, que nasceu de um projeto de extensão da Universidade Estadual de Londrina para prestar serviços nas áreas de fisioterapia, fonoaudiologia e psicologia aos portadores da síndrome de down. Em 1997, a associação criou o Centro de Educação Especial Crescer (CEEC) para ampliar os atendimentos pedagógico e terapêutico aos portadores da síndrome em seu desenvolvimento biopsicossocial e educacional tendo como referência a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e as políticas educacionais da UNESCO. Hoje a APS DOWN atende cerca de 120 entre crianças, jovens e adultos por meio de programas voltados para a educação infantil, apoio a inclusão, educação profissional, escolaridade, educação física, educação artística e atendimento terapêutico (fisioterapia, fonoaudiologia, terapia ocupacional, psicologia e serviço

social). Mantém também alguns projetos em parceria com universidades, empresas e voluntários. O estudo não pretende abordar especificamente a leitura na educação especial, mas analisar práticas de leitura de mulheres que medeiam formal e informalmente situações de leitura de leitores em formação, filhos, alunos, pacientes.

2. Recursos Metodológicos

O critério utilizado para realizar a pesquisa com mulheres que atuam profissional e voluntariamente na APS DOWN levou em consideração que essas mulheres se identificam como grupos de mulheres que de forma organizada atuam regularmente na associação onde desenvolvem atividades individuais e coletivas, inclusive de leitura. Na APS DOWN, as mulheres, profissionais e voluntárias, cuidam e educam portadores da síndrome, desenvolvendo atividades diversas, inclusive de leitura. A aprendizagem da leitura e da escrita é um dos principais objetivos da associação e, sobretudo, um desafio para essas mulheres que atuam na entidade.

Foram empregados quatro instrumentos de pesquisa: entrevista com um grupo de mães voluntárias (pré-pesquisa); entrevistas individuais (3 mães, 3 professoras, 3 meninas down); observações formais (atendimentos fisioterápico, fonoaudiológico e pedagógico) e observações informais; análise documental. Na pré-pesquisa, a entrevista com um grupo de 11 mães teve a finalidade de aprimorar os instrumentos de pesquisa que seriam posteriormente aplicados para orientar objetivamente o levantamento das práticas de leitura das mulheres participantes.

As entrevistas com as mães foram realizadas em dois encontros, sendo o primeiro na associação e o segundo na residência das entrevistadas, uma vez que se pretendia conhecer o espaço privado onde realizam cotidianamente suas leituras. Com as professoras também foram dois encontros na associação. O objetivo das entrevistas com as mães e as professoras foi levantar dados sobre suas histórias de leitura e práticas leitoras. As meninas portadoras da síndrome de down foram entrevistadas em suas residências, acompanhadas pela mãe que poderiam eventualmente intervir. O objetivo foi conhecer as leitoras em formação, seus gestos de leitura e as relações com as situações de leitura das quais participam na associação. Estas entrevistas realizadas em um único encontro foram fotografadas os materiais escritos e situações de leitura nos espaços onde elas costumam ler para compor um arquivo fotográfico como meio de captar informações não reveladas no diálogo.

Por meio das observações formais e informais pude acompanhar o cotidiano dessas mulheres, com o intuito de conhecer suas referências culturais para compreender as situações de leitura e os significados que atribuem a ela. Essas situações de interação possibilitaram minha permanência em campo mais tempo do que o previsto. Nas observações informais, realizadas durante toda a investigação, verifiquei situações de leitura e de ensino de leitura na sala das mães, corredores, secretaria, biblioteca, refeitório, sala da equipe multidisciplinar, sala da presidência, pátio etc. Algumas dessas situações foram registradas em fotografias que evidenciam maneiras de ler, suportes, espaços e propósitos de leitura.

O foco das observações formais foram as situações de leitura nos atendimentos fisioterápico (6 observações), fonoaudiológico (4 observações) e pedagógico (8 observações sendo 4 de cada professora). As anotações por escrito foram incorporadas a um diário de campo para serem analisadas e comparadas aos dados levantados em toda a investigação. Quanto à análise documental, a finalidade foi verificar como a leitura é apresentada no Projeto Político Pedagógico (2007), que

concepções permeiam as atividades planejadas de leitura e que relações estabelecem com as práticas de leitura no interior da associação.

Na elaboração do trabalho, a análise de conteúdo deve contemplar a linguagem como objeto de análise, linguagem que se materializa nos discursos, diálogos e monólogos das mulheres ao se referirem às suas práticas de leitura. Dados quantitativos sobre letramento no Brasil (Ribeiro, 2001) devem complementar a investigação de natureza qualitativa para contextualizar as práticas de leitura na dinâmica das relações sociais cotidianas das mulheres participantes.

3. Fundamentos teóricos

Para a análise das práticas de leituras das mulheres no cotidiano, duas abordagens foram fundamentais: os estudos das práticas culturais (Certeau e Chartier) e a teoria histórico-cultural (Vygotsky, Bakhtin). Outras referências bibliográficas foram consultas para a elaboração do estudo conforme apresentação que se segue.

De acordo com Belo (2002), a aparente liberdade dos leitores se inscreve no espaço de reescrita do texto no ato da leitura. Os leitores se movem no espaço determinado historicamente em que se dão as relações sociais, ou seja, suas leituras são controladas, condicionadas e/ou reprimidas por estratégias que obedecem a um código de censura que direciona as práticas e determina os modos de leitura. "A história de leitor, assim, é um estudo sócio-histórico de fatores que produzem significados" (LYONS, 1999:9). Para Certeau (2008: 262) "a leitura é um aspecto fundamental do consumo". Os usos e operação a que se refere o Autor são relações de jogo entre o forte e o fraco do qual resultam as táticas de leitura para enfrentar as estratégias do mais forte. Assim, é no cotidiano, em espaços públicos e privados, que as mulheres se apropriam da leitura por meio de usos e operações de práticas de consumo cultural.

Para tratar a questão de gênero, a referência é Perrot (2005; 2007) que retoma gestos, palavras e movimentos das mulheres na perspectiva das práticas culturais. A história das mulheres é para a Autora uma história de silêncios, de ausência nos espaços públicos, de invisibilidade das mulheres. Perrot mostra que a partir da alfabetização no século XIX, as mulheres avançaram nos espaços públicos, suas práticas de leitura acompanham esse movimento, dos espaços privados para os espaços públicos, de silêncios para vozes, das sombras do poder masculino para relações de gênero mais igualitárias.

Em Certeau (2008) busco as categorias "público" e "privado", indispensáveis para analisar as práticas de leitura de mulheres. O conceito de cotidianidade é central para o estudo das práticas femininas de leitura. Burke (1992) contribui para entender o cotidiano ao tratar da incorporação de hábitos mentais e ritos no cotidiano. A identidade feminina se define, portanto, nas relações sócio-culturais da vida cotidiana, com seus elementos concretos, suas tradições que se traduzem em gestos e movimentos que revelam maneiras de ler.

A trajetória das mulheres leitoras desde a Antiguidade às leitoras deste estudo foi traçada a partir das referências de Fischer (2006), Manguel (1977), Chartier e Cavallo (2002) que historicizam a leitura, percorrendo os sistemas de escrita, do símbolo ao signo até os textos eletrônicos, em suportes e gêneros textuais diversos, leitores e maneiras de ler, espaços de leitura etc. Para fundamentar as práticas femininas de leitura do passado utilizo também representações de leitura de mulheres, para fundamentar recorro a Marin (1996) que aborda a leitura de quadro em relação à leitura de texto, articulando o legível ao visível. Partindo de Safo de Lesbos lendo para suas alunas-amigas até imagens de leitoras do século

Xx, procuro fazer uma leitura do que essas imagens revelam e suas relações com as leitoras deste estudo.

As representações de leitura na pintura, de acordo com Poulain (1997) multiplicaram-se no século XX, solitárias ou acompanhadas, absortas ou mergulhadas na leitura, quase sempre as mulheres leitoras estabelecem com o escrito uma relação íntima, ainda mais presentes nos espaços privados, as leitoras são menos representadas em espaços públicos e lugares abertos. Em família, as mulheres aparecem lendo para os filhos ou entre elas; a figura masculina raramente está presente nessas leituras compartilhadas. Enfim, a leitura é representada como uma atividade feminina em meio à costura, bordado e afazeres domésticos.

Em *História de Mulheres no Brasil* de Priore (2004) encontro as referências para contextualizar as mulheres brasileiras, situando-as em relação ao corpo, à família, ao trabalho, à literatura etc. O estudo mais recente de Lacerda (2000; 2003) possibilitou resgatar o processo de constituição das leitoras por meio de relatos autobiográficos, reconstituindo suas histórias de vida e suas práticas de leitura e de escrita. A pesquisa de Bosi (1977) nos anos 1970 sobre as práticas de leitura de operárias brasileiras contribuir para elaborar o percurso das mulheres leitoras até os dias atuais, chegando as leitoras deste estudo.

Para análise dos traços morfológicos de oposição e aproximação que organizam as práticas de leitura das mulheres a principal referência foi Chartier (2003). Para essa análise três oposições foram estabelecidas: leitura silenciosa e oral, leituras herdadas e leituras inovadoras, leituras privadas e leituras públicas. Quanto às leituras privadas e públicas, Chartier (1996) mostra que há duas representações contraditórias de leitura, uma realizada na intimidade do lar, a outra como parte de um cerimonial coletivo em que uma voz lia para iletrados ou pouco letrados. Segundo o Autor, sobretudo as mulheres liam na intimidade, provavelmente silenciosamente, enquanto a leitura coletiva era em voz alta, o que sugere uma relação entre leitura silenciosa e leitura privada, leitura oral e leitura pública. A análise que Chartier (2004) faz do *corpus* da Biblioteca Azul subsidiou a análise das leituras religiosas, profissionais ocasionais das leitoras entrevistadas. Para Almeida (2007), a religião teve uma influência incontestável na formação dos padrões femininos, no sentido que as leituras religiosas configuraram-se como instrumento de dominação.

Na perspectiva da teoria histórico-cultural, os autores Leontiev (1978), Vygotsky (2000), Bakhtin (1992) e Mukhina (1996) alicerçam este estudo para abordagem da constituição das mulheres leitoras nos espaços da família, da igreja e da escola. A linguagem, vista como objeto e instrumento social onde estão os traços essenciais da atividade social do homem, é o ponto de partida para pensar a constituição das leitoras nas relações socioculturais como sujeitos históricos que se apropriam das maneiras de ler das gerações que as antecederam.

As práticas de leitura das mulheres são abordadas como atividade de apropriação da cultura humana por meio da mediação dos objetos e fenômenos do mundo circundante. Dessa forma, os espaços institucionais da família, da escola e da igreja são espaços históricos de apropriação das práticas culturais femininas, onde as mulheres constituem-se leitoras.

O conceito de Vygotsky sobre entorno elucidou o papel deste na apropriação da leitura na infância, pondo em relevo a formação das leitoras nos primeiros anos de vida. Vygotsky (2000) mostra que para a linguagem escrita da humanidade tornar-se a linguagem escrita da criança são necessários processos complexos de

desenvolvimento. A pré-história da linguagem escrita na criança começa com o gesto indicador, passa pelos desenhos e jogos até chegar à complexidade da escrita como um simbolismo de segunda ordem. O levantamento de indícios de atividades da pré-história da linguagem escrita contribuiu para pensar o percurso das leitoras em formação, as meninas down.

Ao desconsiderar os gestos, desenhos e jogos das crianças como atividades fundamentais para o desenvolvimento de linguagem escrita, a escola ignora o percurso que a criança faz para se apropriar da linguagem escrita. A teoria histórico-cultural mostra que o ensino da leitura e da escrita centrado nas relações oralidade/ escrita por meio da correspondência entre grafemas e fonemas, que se restringe ao código linguístico, desconhece o caminho que a humanidade fez para chegar a esse instrumento complexo que é a linguagem escrita. A teoria da enunciação de Bakhtin (1992) demonstra que a vida é por natureza dialógica, sendo impossível conceber o homem fora das relações que o ligam ao outro. Essa relação funda a linguagem, atribui-lhe sentido e constrói sujeitos produtores de enunciados. Assim, o ensino artificial da escrita e da leitura, desarticulado do processo de enunciação, reduz o ensino da língua materna à decifração do código linguístico, um *corpus* morto que ignora a língua como objeto social e histórico.

Chartier, Clesse e Hébrard (1996) mostram que os gestos sociais de leitura em família e o acesso das crianças à cultura do escrito fazem parte da aprendizagem da escrita, pois a entrada no mundo da escrita se inicia desde que a criança entra em contato com escritos e gestos de leitura em casa. O levantamento dos gestos sociais de leitura e dos escritos presentes na infância das mulheres entrevistadas foi fundamental para compreender como as mulheres se apropriaram da linguagem escrita na infância e como essas experiências influenciaram a aprendizagem da leitura e da escrita na escola.

O referencial teórico sobre o papel das práticas escolares de leitura na formação das leitoras teve como principal referência Bajard (1994). O Autor esclarece a diferença entre ler e decifrar, abordando as relações entre oralidade e escrita na perspectiva histórica. Bajard destaca como maneiras distintas de ver a escrita alfabética direcionam para métodos distintos de alfabetização que ignoram ou dimensionam a autonomia da escrita em relação ao oral.

A escolarização das práticas de leitura das leitoras, de acordo com Chartier e Hébrard (1995), que tratam sobre a crise da leitura escolar na França, aponta para uma leitura-consumo de objetos culturais que adentraram a escola modificados pelas referências de seus mediadores, os professores. Para os Autores, embora a democratização da leitura tenha levado ao abandono do patrimônio literário por leituras supostamente mais atraentes e urgentes, a leitura permanece no interior da escola como forma de trabalho.

Ao analisar os gestos de leituras das meninas down, leitoras em formação, busco em Vygotsky (1977) e Padilha (2005) os subsídios para tratar a relação entre suas práticas de leitura e as situações de leitura na associação. Vygotsky em *Defectología* aborda qualitativamente a deficiência na perspectiva da história de desenvolvimento cultural das crianças portadoras de algum tipo de patologia. Em *Práticas Pedagógicas na Educação Especial*, Padilha descreve a construção do sujeito portador de deficiência na perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento do homem que se constrói nas relações concretas da vida social. Essa abordagem possibilita compreender o desenvolvimento das práticas de leitura das meninas down como parte do desenvolvimento de suas funções psíquicas. Nesse sentido, o ensino deve olhar o indivíduo em seu desenvolvimento humano, não sua patologia.

Finalmente, ao apresentar as implicações pedagógicas que a história de leitura e as práticas de leitura das mulheres entrevistadas apontam para a leitura que se realiza em ambientes escolares, ou seja, ao tratar do enfoque político-pedagógico da leitura, Foucambert (1994; 1998) é a referência principal. O Auotr trata a leiturização como processo político para além do espaço escolar e da alfabetização, portanto, a formação das leitoras deste estudo se dá no contexto mais amplo da sociedade como fonte de conhecimento, a escola é apenas um dos espaços de apropriação do conhecimento e da linguagem. A diferença entre letrados e alfabetizados para Foucambert (1994) tem como causa uma sociedade de desiguais, os leitores alfabetizados são excluídos dos usos sociais da leitura a que tem acesso somente os leitores letrados. Neste estudo, é possível evidenciar que as desigualdades sociais das leitoras geram desiguais oportunidades de acesso à leitura e de usos sociais, aos materiais impressos e à diversidade de suportes e gêneros textuais que circulam na sociedade.

Bibliografia

AMEIDA, Jane Soares de. *Ler as letras: por que educar meninas e mulheres?* São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Pauli; Campinas: Autores Associados, 2007.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Estudo de caso em Pesquisa e Avaliação Educacional*. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

BAJARD, Elie. *Ler e dizer: compreensão e comunicação do texto escrito*. São paulo: Cortez, 1994.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BELO, André. *História, livro e leitura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leitura de operárias*. Petrópolis: Vozes, 1977.

BURKE, Peter. (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. São Pauloi: UNESP, 1992.

CAVALLO, G.; CHARTIER, R. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 2002.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CHARTIER, Anne Marie; HÉBRARD, Jean. *Discursos sobre a leitura*. São Paulo: Ática, 1995.

CHARTIER, Anne Marie; CLESSE, Christiane; HÉBRARD, Jean. *Ler e escrever: entrando no mundo da escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CHARTIER, R. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____. Formas e sentido. *Cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.

_____. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

- FISCHER, Steven Roger. *História da leitura*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- FONTES, Joaquim Brasil. *Safo de Lesbos: poemas e fragmentos*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2003.
- FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- _____. *A criança, o professor e a leitura*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- LACERDA, Lilian Maria de. Memórias de vida, histórias de escolarização e de leitoras. In: *Leitura: teoria & prática*. Campinas, SP: ALB; Porto Alegre: Mercado Aberto, v. 19. n. 35, jun., 2000.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- LEONTIEV, A. N. O homem e a cultura. In: *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.
- LYONS, Martyn; LEAHY, Cyana. *A palavra impressa: histórias de leitura no século XIX*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.
- MACEDO, Roberto Sidnei. *Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação*. Brasília: Liber Livro Editora, 2006.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história de leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MARIN, Louis. *Ler um quadro: uma carta de Poussin em 1639*. In: CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- MUKHINA, V. *Psicologia da idade pré-escolar*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- PADILHA, Anna Maria Lunardi. *Práticas pedagógicas na educação especial: a capacidade de significar o mundo e a inserção cultural do deficiente mental*. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Hélade: antologia da cultura grega*. 7 ed. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 1998.
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- _____. *Minha história de mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.
- POULAIN, Martine. Cenas de leitura na pintura, na fotografia, no cartaz, de 1881 a 1989. In: FRAISSE, Emmanuel. POMPOUGNAC, Jean-Claude; POULAIN, Martine. *Representações e imagens da leitura*. São Paulo: Ática, 1997.
- PRIORE, Mary Del. (org.) *História de mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

SZYMANSKI, Heloisa. (Org.) *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília: Liber Livro Editora, 2004.

VYGOTSKY, L. S. *Obras Escogidas V*. Espanha: Visor, 1997.

_____. La prehistoria del desarrollo del lenguaje escrito. In: *Obras Escogidas III*. 2 ed. Espanha: Visor, 2000.